

nove anos de idade teve um sonho cheio de angústia...” Isto foi no sábado. No dia seguinte, os acontecimentos chegaram a um clímax:

“No domingo, ao redor das cinco horas da tarde, a campainha da porta da frente começou a tocar freneticamente. Era um claro dia de verão; as duas criadas estavam na cozinha, de onde o pátio aberto, no lado de fora da porta da frente, podia ser visto. As duas, no mesmo instante, olharam para ver quem é que estava ali, mas não havia ninguém à vista. Eu estava sentado perto da campainha e tanto a ouvi tocar como a vi movimentar-se. Nós todos simplesmente ficamos com os olhos arregalados, olhando um para o outro. A atmosfera estava densa, acreditem-me! Eu, então, soube que algo tinha que acontecer. A casa inteira estava cheia, abarrotada de espíritos, como se uma multidão estivesse ali presente. Eles estavam densamente aglomerados bem na porta e o ar estava tão espesso que mal se podia respirar. Quanto a mim, todo o meu ser tremia ante a questão: ‘Pelo amor de Deus, que coisa estranha é esta?’ Então, eles clamaram, em coro: “Nós voltamos de Jerusalém, onde não encontramos o que procurávamos.”

Esta foi a linha de abertura de um extraordinário documento, *Septem Sermones ad Mortuos* [Sete Sermões para os Mortos], que Jung escreveu, segundo ele considerou na ocasião, para satisfazer as insistentes e angustiosas exigências que os mortos lhe fizeram. Ouvira as vozes deles em sua alucinação auditiva, ou qualquer que seja o nome que se queira dar a isso. Sobre o que eles falaram, Jung escreveu em suas *Memórias*:

“Naquele momento isto me causou grande surpresa, pois, de acordo com as opiniões tradicionais, os mortos são possuidores de grande sabedoria. O povo tem a idéia de que os mortos sabem muito mais do que nós, uma vez que a doutrina cristã ensina que os que partem poderão ‘ver face a face’. Contudo, ao que parece, as almas dos mortos ‘conhecem’ apenas o que eles conheciam no momento da morte e nada mais além disso. Daí o seu esforço para penetrar na vida, a fim de compartilhar do conhecimento dos homens. Com freqüência eu tenho a impressão de que eles estão postados exatamente atrás de nós, esperando para ouvir quais as respostas que lhes daremos e qual a resposta a escolher.

A mim parece que se eles fossem dependentes dos vivos para receber respostas às suas questões, isto é, dependentes da-

queles que os sobreviveram e existem em um mundo de transformações; como se a onisciência, ou, como eu poderia dizer, a oniconsciência não estivesse à sua disposição, mas pudesse fluir somente para o interior da psique dos vivos, para o interior de uma alma presa a um corpo. A mente dos vivos, portanto, parece ter uma vantagem sobre a dos mortos, pelo menos em um ponto; na capacidade para obter conhecimentos claros e decisivos.”

Os sete sermões de Jung foram, provavelmente, uma forma da chamada escrita automática. Sobre este tipo de experiência, Jung rememorou: “Isso começou a jorrar de mim e no transcorrer de três noites a coisa estava escrita.” Ele acrescentou: “Tão logo eu tomei da pena, toda a assembléia espectral evaporou-se. A sala ficou em calma e a atmosfera tornou-se clara. A assombração terminara. A experiência tem que ser interpretada pelo que ela foi, ou pelo que parece ter sido. Sem dúvida, ela estava relacionada com o meu estado emocional na ocasião, que era favorável para os fenômenos parapsicológicos.”

Recordando esta experiência, Jung observou: “Daquele momento em diante, os mortos se tornaram ainda mais definidos para mim, como as vozes do Não-respondido, do Não-solucionado e do Não-cumprido; pois uma vez que as perguntas e reclamações, que meu destino obrigou-me a responder, não me vieram do exterior, elas devem ter vindo do mundo interior. Estas preleções para os mortos constituíram uma espécie de prelúdio para aquilo que eu tinha para comunicar ao mundo, sobre o inconsciente; uma espécie de modelo de ordem e de interpretação do seu conteúdo geral.”

Avaliando o momento crítico dessas experiências, Jung escreveu: “Minha ciência era o único meio que eu tinha para me desenredar daquele caos. De outro modo, os elementos ter-me-iam aprisionado em sua mata espessa, ter-me-iam estrangulado como trepadeiras da floresta.” E, em resumo: “Hoje eu posso dizer que nunca mais perdi contato com minhas experiências iniciais. Todas as minhas obras, toda a minha atividade criadora veio dessas fantasias e sonhos iniciais, que começaram em 1912, quase quinze anos atrás. Tudo o que realizei posteriormente em minha vida já estava contido nelas, embora, no princípio, somente na forma de emoções e imagens.”

Quem eram esses mortos? Eles eram, talvez, superpacientes. Vieram para Jung em confusão — eles mesmos mal-assom-